
**CORPOS E PERFORMANCES ENSAIADAS:
REPRESENTAÇÕES DE SI EM TERRITÓRIO “MEETIANO”**

Mario Fellipe Fernandes Vieira Vasconcelos

Graduando em Design de Moda na Universidade Federal do Ceará. E-mail:
fellipedtsoudejesus@hotmail.com.

CORPOS E PERFORMANCES ENSAIADAS: REPRESENTAÇÕES DE SI EM TERRITÓRIO “MEETIANO”**BODIES AND PERFORMANCES REHEARSED: REPRESENTATIONS OF THEMSELVES IN “MEETIAN” TERRITORIES**

Mario Fellipe Fernandes Vieira Vasconcelos

RESUMO

O Trabalho analisa o espaço da boate Meet - Music & Lounge, lugar voltado para um público gay masculino, localizada em Fortaleza, como um território em que emergem jogos simbólicos que têm nos movimentos dos corpos que ali se agenciam um de seus meios de manutenção. Entendendo a boate como um espaço que possibilita construções e agenciamentos de algumas modalidades de corpos, possíveis a partir de processos que envolvem uma reprodução ressignificada de formas de vida masculina, a pesquisa apresenta resultados de um trabalho de campo e de diálogos com teóricos/as que fundamentam suas reflexões nas questões de corpo, gênero e identidade. Apropriando da História Oral, as falas de antigos e novos frequentadores da boate serão cruzadas, tornando possível uma cartografia dos corpos que ali são negociados. Nesse sentido, as reflexões caminham na tentativa de compreender o que torna possível uma noite dos Gays MEETIDOS de Fortaleza, mediada pelos corpos, aparências, performances, revelando um território marcado pela lógica da regulação e do controle.

PALAVRAS-CHAVE: Boate MEET, Corpos, Regulação.

ABSTRACT

This paper analyzes the space of Meet - Music & Lounge nightclub, a place geared toward a gay male audience, in Fortaleza, like a territory where symbolic games emerge and tout, in the movements of bodies, one of their maintenance. Knowing the nightclub as a space that allows constructions and assemblages of some types of bodies, possible from processes involving a significant reproduction of male life's forms, the study shows results of field research and theoretical dialogues that underlie their reflections on issues of body, gender and identity. Appropriate oh Oral History, the lines of old and new goers of the club will be crossed, making possible a mapping of bodies that are traded there. Accordingly, the reflections go in trying to understand what makes a Gays MEETIDOS's night possible in Fortaleza, mediated by the bodies, appearances, performances, revealing a territory marked by logic of regulation and control.

KEYWORDS: Meet nightclub, Bodies, Regulation.

INTRODUÇÃO

A partir do entendimento de que estamos vivendo momentos de espetacularização da vida no que Debord (1997) aponta como uma “colonização” da vida cotidiana empreendida pelo capital e não naquilo que é traduzido apenas em excessos midiáticos, o projeto de vida e o sentido dela se reduz e se reverbera na produção de um corpo/aparência agenciado e, ao mesmo tempo, obliterado pelos signos da cultura do consumo, a partir de uma espécie de servidão voluntária, ligada à adoção e à incorporação de modelos autorizados de existência publicizados pelo “espírito do tempo”. Nesse contexto, os corpos-performances-aparências dos sujeitos se tornam o fim de todos os investimentos e afecções, afetando as estruturas psíquicas e emocionais dos mesmos que, para se sentirem aquilo que projetam como ideal para si, remodelam-se e recriam-se até alcançarem, por um período relativamente breve de tempo, a conformação representativa de si que é mais bem validada pelo mundo.

O sentido da vida reduziu-se à produção de um corpo. São corpos em permanente produtividade, que trabalham a forma física ao mesmo tempo em que exibem o resultado entre os passantes. São corpos-mensagem, que falam pelos sujeitos. O rapaz “sarado”, a loira siliconada, a perna musculosa ostentam seus corpos como se fossem aqueles cartazes que os homens-sanduíche carregam nas ruas do centro da cidade: “Compra-se ouro”. “Vendem-se cartões telefônicos.” “Belo espécime humano em exposição.” O corpo malhado, sarado e siliconado do novo milênio diz: sou um corpo malhado, sarado, siliconado. O circuito se fecha sobre si mesmo. Parece a ética dos “cuidados de si” pesquisada por Michel Foucault, mas não é. O sentido da prática dos cuidados de si a que se dedicavam alguns cidadãos romanos, na Antiguidade, estava diretamente articulado ao papel desses homens na vida pública. Ser capaz de cuidar bem do corpo e da mente era condição para cuidar bem dos assuntos da “polis”. No Brasil de hoje, em que o espaço público foi a um só tempo desmantelado e ocupado pela televisão, a produção dos corpos é a produção da visibilidade vazia, da imagem que tenta apagar a um só tempo o sujeito do desejo e o sujeito da ação política (KEHL, 2002).

O sentir-se vivo está associado a uma recriação contínua de si, na medida em que as motivações dos sujeitos mudam constantemente e, portanto, os modos de apresentação/representação. A existência se torna um grande ensaio que nunca parece chegar no dia de estreia. O corpo sempre ensaia a si mesmo. O momento de estreia desse corpo é localizado, é demarcado em um dia, em uma festa, em um momento qualquer. Nesse processo de sempre se auto apagar, de sempre se ver como rascunho é expresso e se estende ao aspecto emocional do indivíduo.

Compreendendo que os gays formam um grupo que se diferencia do padrão de masculinidade dominante, do homem heterossexual, produzem uma cultura própria com códigos, significados, valores, linguagem, normas, costumes, que tanto podem ser ou expressar resistência, quanto à reprodução do padrão dominante. Na boate Meet, o desfile de corpos mostra uma variedade de formatos, significados e gírias sobre o corpo, seja o corpo sarado, o corpo bombado ou o corpo trans.

A expressão corpo sarado ou corpo malhado expressa a denominação de um certo tipo de corpo que é predominante nos MEETIDOS. De acordo com o dicionário Aurélio, o verbo sarar está relacionado a seguintes definições: 1. Restituir a saúde (a quem está doente); curar. 2. Debelar (doença); curar; sanar. 3. Curar-se, recuperar-se. 4. Recobrar a saúde. Já o verbo malhar possui se define como: 1. Bater como o malho em. 2. Espancar. 3. Zombar de. 4. Fazer ginástica vigorosa visando à musculação ou emagrecimento.

O culto ao corpo é, digamos, número um. Porque a gente sabe que tal hora todo mundo tira a camisa. Ninguém vai querer mostrar um corpo feio, né verdade? E essa cultura de tirar a camisa veio de um DJ. [...] Mas aí um ou outro "atrevido" que não tá com o corpo tão em dia, às vezes, vai lá e tira a camisa. [...] Engraçado que isso também foi uma coisa que veio de fora porque nas boates de fora, São Paulo, por exemplo, é comum. DJ tal hora tira a camisa. [...] Nessa linha de música e nessa linha de balada que a MEET faz que veio da THE WEEK (boate paulista referência entre o público gay) é comum os caras tirarem a camisa, malharem muito e tirarem a camisa, realmente, é comum. É muito comum. É uma coisa normal. [...] Então esse padrão de corpo, esse corpo malhado, é tipo assim, é como se fosse um pré-requisito. Eu tenho que ter esse pré-requisito pra participar daquele grupo, pra se inserir, ser aceito dentro daquele grupo e ficar com alguém. Em todos os aspectos. Amizade, relacionamento, inserção é tipo assim, o número um. Eu não diria tanto a roupa porque eu acho que esse visual corpóreo ele tem um pouco mais de significância do que a roupa até porque tem horas que eles ficam sem camisa, então a roupa é deixada mais de lado. Eu acho que o corpo tem mais significância que até a própria roupa (Entrevista. *Klisman*, Fortaleza – CE, 20. Ago. 2013)¹.

É possível, então, problematizarmos a partir dos conceitos expressos o que viria a ser um corpo sarado, um corpo malhado. O corpo sarado é o corpo sadio, o corpo recuperado, o corpo não doente. Nesse sentido, isso nos aponta que as outras modalidades de corpos não sarados se configuram em corpos doentes. Ser doente, portanto, é não estar em conformidade com os padrões construídos histórico-socialmente em torno das existências dos corpos. O

¹ Klisman trabalha na noite fortalezense como DJ na boate Level. É estudante de moda e frequenta esporadicamente a boate MEET.

corpo, então, passa a existir a partir do modo como ele se apresenta para o mundo. Corpos doentes se tornam invisíveis na cultura que redireciona seus corpos a ensaios sucessivos de si mesmo, a produções de si cada vez mais obsoletas, na medida em que a produção de um corpo/aparência que é gestado para existir possui cada vez mais um prazo de validade menor. A expressão corpo malhado demonstra o caráter técnico, artificial, de montagem de si mesmo. O corpo é abatido, adulterado, sensibilizado e se torna “grande”. “Crescer”, ter músculos, é um signo de capital, de valor simbólico para os homens, sejam héteros ou gays.

O corpo, nesse sentido, se torna a pessoa, pois a representação corpórea de si se torna elemento único para ser alvo do olhar do outro, ser desejado pelo o outro e, conseqüentemente, existir para o outro. O corpo, assim, assimilando essa forma específica de capital, finalmente emerge com vida, pois passa a ser visto e cotejado.

É possível, assim, falar de um corpo que vai sendo trabalhado para lançar-se, para estrear no espaço da boate? E se sim, que performances essa modalidade de corpo constrói, se apropria para dar vida a esse “corpo meetiano”? De que forma esse corpo/performance/aparência vai incorporando signos que ensaiam, simulam, representam um tipo de representação específica que se pretende ser vista ali dentro? E que signos são esses? Nesse sentido, como a roupa vai criando um estilo próprio dos MEETIDOS?

I- Sobre Corpo, Apresentação e Performance : Caminhos Conceituais e Metodológicos

Para responder tais perguntas foi necessária a realização de uma etnografia do espaço da boate bem como dos corpos que ali são apresentados/performados. Estar lá nos possibilitou observar, perceber, sentir e experienciar de perto fenômenos que muitas vezes nos são caros de descrever em um trabalho de escrita. Mas, ao mesmo tempo, é o estar lá que torna possível uma escrita vivida, possibilitando-nos, a partir da imersão no universo do outro, desconstruir efeitos de verdades e recriar uma cartografia de possibilidades para se pensar a alteridade.

Na fila eu já chego e vejo todo mundo fortinho. Aí eu sou meio magro, aí eu olho assim e já me sinto meio diferente. Aí o pessoal muito sóbrio... Daí eu chego e sinto meu corpo meio diferente lá. Eu sou magro e o pessoal é meio sarado. Aí eu me sinto diferente na roupa. Aí quando eu entro lá, eu me sinto diferente na atitude

também. O pessoal de lá não, sei lá, eu acho que não dança muito. A maioria não. Tens uns que dançam sim, mas eu acho que a maioria não dança muito. As pessoas vão lá mais pra se olharem. As pessoas lá são meio contidas. E eu não sou muito contido. Eu me mexo mais, eu danço (Entrevista. *Adrian Brasil*, Fortaleza- CE, 20. Ago. 2013)².

Sendo assim, para estar junto daqueles dos MEETIDOS é preciso trabalhar o corpo até que ele adquira um *ethos* que permita um “estar junto” sem ser atingido pelos olhares atravessados que fazem falar negativamente daquele tipo de existência.

É possível, então, apontar um processo de criação/ identificação/ incorporação/ representação de um corpo MEETIDO na boate. A processualidade desse corpo traz à tona o caráter ritualístico dessa montagem. É preciso, nesse sentido, montar-se de MEETIDO, montar-se de DISCRETO, montar-se de MACHUDO para sentir-se percebido e desejado. As linhas de fuga, as possibilidades, fazem-se presentes, porém o espírito do tempo/momento que cria sentidos de realidade na casa é o da regulação.

Para viabilizar esse “empreendimento histórico-geográfico-etnográfico”, apropriei-me de algumas fontes que me ajudaram a pensar melhor meu objeto, iluminando, assim, algumas questões e desconstruindo, portanto, algumas noções de verdades que se apresentam prontas e acabadas, dispensando qualquer tipo de reflexão que apontem as pluralidades, as possibilidades...

A pesquisa se enquadra em um tipo de pesquisa qualitativa. O uso da abordagem enativa proposta por Varela (1994 *apud* Barros, 2010) me foi útil no caminhar da pesquisa, haja vista minhas vivências se imbricarem com algumas das quais o grupo a que estou pesquisando vivencia.

A priori, duas fontes foram elencadas: fonte oral, viabilizada a partir do método de entrevistas semiestruturadas realizadas com 08 sujeitos que se reconhecem enquanto homossexuais de 19 a 30 anos, mas vivenciam a homossexualidade de maneiras distintas e com as duas proprietárias da boate, o que nos possibilitou perceber também intenções e desejos na perspectiva de quem pensa uma determinada lógica para o espaço e tenta a partir dela construir um tipo de imagem, de identidade da casa e do público. A segunda fonte elencada foi a etnográfica, haja vista possibilitar uma vivência mais de perto, *in loco*, do

² Adrian Brasil é DJ, estudante de moda e antigo frequentador da boate MEET.

fenômeno contemplado pela pesquisa. A investigação foi iniciada e desenvolvida no decorrer do ano de 2013.

Como principal fonte elencada:

A história oral oferece menos uma grade de experiências-padrão do que um horizonte de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginadas. O fato de que essas possibilidades raramente estejam organizadas em [...] padrões coerentes indica que cada pessoa entretém, a cada momento, múltiplos destinos possíveis, percebe diferentes possibilidades e faz escolhas diferentes de outras na mesma situação. Esta miríade de diferenças (...) serve para lembrar que, além da necessária abstração da grade das ciências sociais, o mundo real é mais semelhante a um mosaico ou patchwork de diferentes pedaços, que se tocam, superpõem e convergem, mas igualmente acalentam uma irreduzível individualidade”. (PORTELLI, 1997a, p. 88)

Tendo surgindo inicialmente nos Estados Unidos com um propósito de dá visibilidade e registrar os feitos de um grupo social restrito, composto por grandes “protagonistas” da história norte-americana, homens públicos que se destacavam na vida econômica, política e cultural do país, a “primeira geração” da História oral teve um caráter bastante positivista, influenciada, sobretudo, pela ideia de “verdade” corrente na época. Essa ideia de “verdade” histórica alcançou a escola Columbia History Office, na medida em que primava pelo relato de um grupo social específico, reduzindo as possibilidades de percepção e interpretação de uma determinada realidade histórica, alcançando e legitimando noções produzidas apenas por sujeitos de um determinado lugar social.

Na Itália, já em fins dos anos 60, os antropólogos De Martino, Bosio e o sociólogo Ferraoti, com o objetivo de reconstruir a cultura popular, foram precursores da segunda geração de historiadores orais. Mais ambiciosos, não tomavam a fonte oral como um complemento, mas sim como “outra história”. Essa nova forma de pensar surgiu em meio aos conflitos e movimentos de feministas e sindicalistas de 1968. Pregava-se o “não-conformismo sistemático”, isto é, uma história alternativa em relação a todas as construções historiográficas a partir do escrito (MATOS; SENNA, 2011).

Utilizei como ferramenta no percurso da pesquisa meu diário de campo, no qual produzi anotações que me vieram como importantes. Empreguei, também, simultaneamente um gravador no qual foram gravadas as falas de alguns sujeitos envolvidos na pesquisa, etapa

esta que procurei realizar, em alguns momentos, enquanto os mesmos ainda se encontrarem na fila, pois, no meu entendimento, é na fila em que o ‘evento’ se inicia.

II- Paisagens da Boate MEET

[...] Daí foi quando a gente pensou na Meet que aí seria um espaço menor onde a gente pudesse trabalhar levando o que a gente fazia fora para dentro do espaço e aí com uma quantidade menor de pessoas a gente poderia focar esse espaço da Meet num público mais seletivo porque na época tinha surgido também a Donna Santa e Donna Santa tava com um público de massa muito bom. Então quando ela pegou esse público grande, esse público de massa, a gente pensou que... e a gente já queria também uma coisa menor pra trabalhar de uma forma mais reduzida e que tivesse um investimento alto e que a gente pudesse trabalhar com um público seletivo que pudesse pagar aquele investimento. Aí foi quando surgiu a Meet. Todos os lugares que a gente pesquisava, a gente pesquisava o lugar e o foco que seria o público. Se fosse, por exemplo, trabalhar com o público de massa a gente teria que ter um lugar onde o público andasse já naquela região, no caso seria o Dragão do Mar e as redondezas. Como a gente queria um público mais seletivo, a gente pensou num lugar mais afastado desse público de massa e que a gente pudesse investir naquele público seletivo. A gente não chega na porta pra dizer você não pode entrar ou você pode, mas automaticamente quando direciona as atrações para aquele público eles vão se identificando e vão começando a frequentar por conta das atrações que vão ter naquele espaço, da identificação dela com aquela atração. Então foi uma coisa natural. (Entrevista. *Monah Monteiro*, Fortaleza- CE, 23. Junho 2013)³.

A boate está localizada na Rua Coronel Jucá, 273, no bairro Varjota, na cidade de Fortaleza, estado do Ceará. O bairro da Varjota é conhecido como área nobre da cidade, concentrando grandes edifícios residenciais e comerciais, shoppings, cafés, restaurantes, lanchonetes, dentre outros espaços. Podemos afirmar, nesse sentido, que é uma área aformoseada da cidade.

A partir de informações coletadas no endereço virtual da boate, a casa abre semanalmente às 23 horas, durante as sextas-feiras, aos sábados e em vésperas de feriados. Dispõe do serviço de reservas de camarote e aniversários, sob agendamento prévio, sem cobrança para realização dos mesmos, é necessário, apenas, que seja a partir de vinte nomes. O aniversariante que levar trinta pessoas terá como cortesia uma *champagne* oferecida pela boate. Os convidados do aniversariante estarão sujeitos a pagar as seguintes taxas de consumação mínima: Sexta- R\$ 25,00 / Sábado e véspera de feriado – R\$ 30,00 de consumo.

³ Monah Moneiro é sócia-proprietária e promotor da casa.

III- Construções e Agenciamentos: Um Fazer-se MEETIDO

[...] lá eu notava pessoas mais num perfil de discrição, então me atraía mais. Dentro desse perfil. Eu não sei dizer porque me atraí, mas me atraí. Eu acho que é porque transmite virilidade, transmite segurança, transmite uma pessoa já com a cabeça formada... (Entrevista. *Victor*, Fortaleza- CE, 02. Junho 2013.)⁴

Eu acho que existe essa hipervalorização por essa masculinidade. Porque eu acho que os valores patriarcais ainda tá na veia muito forte. Esses valores arcaicos ainda tá inserido na cultura. Eu fico assim chocado, sabe, como isso tá inserido. (Entrevista. *Klisman*, Fortaleza – CE, 20. Ago. 2013.)

O corpo do MEETIDO não é somente corpo enquanto materialidade é também um conjunto de expressões, de gestualidades, de performances... Nesse sentido, pensar o corpo é pensar no movimento, nos agenciamentos que são realizados no *locus* da boate que objetivam uma representação. Essas corporeidades-aparelho⁵ que por serem instáveis, efêmeras e plásticas montam- se e desmontam-se com certa facilidade, cedendo espaço para os “santos”-devires que só existem efetivamente quando incorporados nos sujeitos. Ou seja, a representação só se torna existência quando ganha uma morada para expressar-se, para existir: os corpos. Por esse motivo, esse corpo é intitulado de “corpo-rascunho” por Le Breton (2003):

[...] amontoado instável e assimétrico de pele, músculos, ossos e cabelos eternamente em busca do desenho perfeito; não obstante, sempre em estado de rascunho, pois o encaço ao corpo perfeito, ideal, precisa ao menos esperar a cicatrização dos pontos da cirurgia e o relaxamento das cáibras musculares para seguir sua maratona infinita.

O representar-se está associado a uma performatividade de um gênero que se esboça internamente. Esse gênero é construído a partir das referências de masculinidades que são constitutivas da ordem heteronormativa. Um gênero que tenta reproduzir signos, valores, representações que estão intimamente associadas à figura do homem viril, do macho, do discreto... Esses modelos marcados pelo binarismo (discreto- afetado) e que se reproduzem

⁴ Victor é estudante de direito e frequentador da boate MEET.

⁵ Tomando aqui o conceito da umbanda no que concerne à pessoa que serve de suporte para a descida do “orixá”.

nos corpos-performances-gêneros dos MEETIDOS reforçam as noções de atividade e passividade que foram e são construídas e corroboradas socialmente.

Assim, percebemos que emergem ali dois gêneros que são feitos a partir da lógica da reprodução. O discreto, o machudo, o MEETIDO se faz, assim, a partir da repetição de um sistema de valores e práticas, observados e reeditados nos corpos-performances-aparências dos sujeitos. E aquele de comportamento desviante que, comumente, é classificado como efeminado, afetado, “que dá pinta”, ou seja, o menos MEETIDO.

O gênero é a contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido e que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma substância, a aparência de uma maneira natural de ser. Para ser bem-sucedida, uma genealogia política das ontologias dos gêneros deverá desconstruir a aparência substantiva do gênero em seus atos constitutivos e localizar e explicar esses atos no interior dos quadros compulsórios estabelecidos pelas várias forças que policiam a sua aparência social (BUTLER, 2003).

A teoria que defende a existência dos gêneros inteligíveis, dentro do padrão heteronormativo parece-me, embora se verifiquem avanços, ainda fazer parte do imaginário do grupo social gay. Para Butler (2003), os propalados gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que mantêm estreita relação e continuidade naquilo que se entende por sexo, gênero, orientação sexual e comportamento sexual. Para desconstruir tal teoria, a filósofa existencialista e feminista francesa Simone de Beauvoir (1980) proclama sua frase emblemática: “A gente não nasce mulher, torna-se mulher”.

Em termos de gênero, ser homem hoje não é o mesmo que o ser homem de alguns anos atrás. As existências mudaram, estão em processo, em fluxo. No interior das sociedades de sujeitos conformes a manequins frios, apáticos, sem movimento, homogêneos, mascarados, conduzidos pelo espírito predominante do tempo, novas formas de subjetivações exigem lugares autorizados nos quais elas possam demarcar suas formas de existência, suas maneiras distintas de estar vivo. Em uma sociedade que estabelece a partir da cultura o padrão heteronormativo como um limiar entre o “o indivíduo normal” e “aquele que está fora da normalidade”, viver se torna um fardo pesadíssimo, na medida em que se passa a enfrentar não somente a si próprio e as inadequações de anatomia, gênero, desejo e prática sexual (Butler, 2003) como também um “mundo” que vigia e pune, deixando à margem aqueles que

de certa maneira fogem à regra. De acordo com Sanches; Sant'ana (2008, p.5) “a partir do momento em que heteronormativo está presente, as outras identidades são marginalizadas”.

Entretanto, a questão que está sendo posta aqui diz respeito às ressignificações/apropriações/ reproduções de modelos gestados e reproduzidos por uma cultura heteronormativa e que são incorporados, por um processo de ressignificação, possibilitando a existência de um *ethos* MEETIDO que é expresso na apresentação dos corpos, na performatividade do gênero, que se apresenta a partir de uma negociação/regulação contínua entre signos masculinos e femininos e no uso da moda como elemento mediador entre a coletividade e as subjetividades que são construídas.

Assim, a performance dos corpos, juntamente com a sua materialidade e atitude, sinalizam a presença de uma masculinidade que se esforça para alcançar o modelo do machudo, do viril. Nesse sentido, se o jeito não ajuda para construir essa modalidade de identidade, a roupa, a barba, os tons neutros a aparente naturalidade forçada contribuem para a projeção de um macho, porém maquiado, macho este que só aparece na superfície, pois, quando analisado, no fundo das aparências revela outras modalidades de masculinidade que divergem ou se distanciam das noções de centro.

O ato de significação da qual faz parte o vestir-se está amalgamado de um conjunto de expressões que definem uma determinada cultura no tempo e no espaço. Assim, não nos vestimos, não construímos signos estilísticos que nos identificam baseados no nada, mas perpassados teia de significados que nós mesmos tecemos. Assim, “o vestir envolve gestos, comportamentos, escolhas, fantasias, desejos, fabricação sobre o corpo (e de um corpo), para a montagem de personagens sociais coletivos ou individuais, exercendo assim comunicação, exprimindo noções, qualidades, posições, significados” (MOTA, 2008).

A roupa aqui veste o corpo do MEETIDO de significados, garantindo visibilidade ao mesmo, expressão. O corpo, sob o signo da roupa, preenche o espaço da boate a partir do uso de uma performance moderada que não deslegitime a imagem que se está querendo transmitir através da aparência. Afirmando que nesse espaço não só o corpo, mas a construção de uma aparência de MEETIDO é um valor que garante visibilidade ao sujeito, tornando possível seu “livre trânsito” no espaço, é possível falarmos de uma existência, que se torna

legítima, na incorporação e na repetição de um *ethos* discreto, na afirmação ou negação dos olhares do outros.

Nesse sentido, o Corpo-aparência do MEETIDO é um corpo-aparência-performance autômato. Autômato, a partir do dicionário Aurélio, está relacionado à: 1. Maquinismo que se move por meios mecânicos. 2. Aparelho que imita os movimentos humanos. 3. Pessoa que age como máquina, sem vontade própria. O lugar, a música, a luz, os sentidos vão formatando um corpo-aparência que não se move, que só observa, só encena, só teatraliza para tornar possível o jogo de sedução, pois o jogo tem no corpo-aparência sua instância primeira e máxima.

Em território “meetiano”, os corpos-aparências se mexem tentando acompanhar os sentidos da música, simulando uma presença que se dá por meio de ausências, pois a gestação e a representação do eu “machudo” implica na morte de outras possíveis imagens que o sujeito camufla. A batida vai criando e possibilitando movimento aos corpos. Quando a batida é um pouco mais intensa, ou os sentidos da música se intensificam, o corpo-autômato se vê regulado no olhar do outro e nos espelhos que vão sustentando esse corpo-aparência em compassos perfeitos que denotem a discrição e a moderação.

Assim, sujeitos complexos vão se reduzindo a “forma”, a aparência como primeira e às vezes única maneira de comunicar sobre si. A “forma” representativa se corporifica para dá sinais de realidade ou para criar uma realidade que está fundamentada na lógica da simulação de si. Roupas, cores, modelagens, marcas, cortes de cabelos, óculos, acessórios, a barba ou a ausência dela, toda a composição do *look*, em seu conjunto, “dão forma” aos sujeitos e informam os sujeitos. Deste modo, essa estética social passa por uma série de ritos para representar-se no “palco” da boate. A estética vai maquiando as aparências dos sujeitos, criando máscaras, efeitos de realidade que só a moderação ou a ausência completa da luz dá a existir. Os efeitos de sentidos deflagram uma aparência artificial, em êxtase, que se regula, se pavoneia em um exercício contínuo de ver-se nos espelhos e na busca de afirmação do outro. O encontro com o outro só se torna possível quando os sujeitos marcam primeiro um encontro com a superfície deles mesmos e conciliam suas subjetividades para que uma delas sobressaia às outras, encenando um teatro em que os personagens

principais só são relegados aos “Homens de Verdade”, aos “Homens com H”. Assim, os demais atuam como meros coadjuvantes. Aqui, a verdade dos sujeitos é aquilo que se vê.

As pessoas que andam lá tem uma vestimenta muito padrão. Todo mundo vai de calça, calça jeans de uma tonalidade mais escura. Muito difícil ver alguém fugindo disso. Um sapatênis, um tenizinho. Aí a questão da camisa e da blusa que varia um pouco. E também tem a questão do cabelo. Muitos deles mantêm um padrão heterossexual de ter aquele corte normal, usual, é, como é que eu digo, social ou então raspar logo a cabeça. Muitos deles mantêm esse padrão (Entrevista. *João*, Fortaleza, CE, 10. Setembro 2013)⁶.

Adrian: - Vamos listar as marcas que saem muito lá na MEET

Klisman: - Calvin Klein, Animale, Colcci (demais), Iury Costa, Diesel, Armani, sabe, e ostentação. A camisa tem que ter muito logotipo, sempre. Se não tiver logotipo, não tá valendo. Que eu acho um horror! Ou então aquele nome bem grande no centro Calvin Klein Jeans.

Adrian: - Ah, eles adoram o nome da marca bem...

Klisman: - Também não pode deixar de considerar: Hollister, Abercrombie, Aeropostale. Essas marcas são bem típicas de lá, sabe. Agora menos. Mas, digamos que, no geral, seja isso. Quando uma coisa se populariza muito, aí eles param de usar, entendeu? É bem perceptível isso. (Entrevista. *Klisman e Adrian Brasil*, Fortaleza-CE, 20. Ago. 2013).

É possível, então, falar de um corpo-sem-órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 2004), entendendo o corpo como um espaço de possibilidades, de linhas de fuga, de recriações, de um devir-artista-de-si-mesmo. Esse corpo não está ligado à organização, mas é um corpo em fluxo, um corpo marcado pela inconstância, por um nomadismo itinerante, no qual tornamo-nos um curto período de tempo estranho de nós mesmos, não nos reconhecendo enquanto aquilo que até tão pouco tempo nos definia. Assim, trocamos de corpo como mudamos nossa roupa, nosso estilo. O surgimento de um supermercado de estilos possibilitou-nos escolher que roupa melhor nos representa que estilo melhor comunica quem nós queremos ser naquele momento. É um jogo contínuo em que o parecer é ser. E tudo isso ressoa no corpo. “O corpo se tornou nosso "enchimento". Frente ao risco de esvaziarmo-nos, fomos preenchidos. O corpo recheia o humano. Talvez mesmo- a crer nas propagandas - lhe dê algum sabor... Senão, no mínimo, lhe confere algum saber” (SANDER, 2011).

Mas não é desse corpo que podemos falar aqui. O corpo que emerge na MEET está mais relacionado a um corpo-identidade, a um corpo-unitário, preso aos modelos, às

⁶ Estudante de Engenharia e frequentador da casa.

regras, que receia lançar-se no novo, no desconhecido, preso a um campo limitado de atuação. Um corpo que tende a homogeneização, um corpo-autômato que se movimenta a partir dos estímulos da música, do escuro, da paquera, dos jogos e que sobrevive na clandestinidade, na simulação, a partir de técnicas de encenação que têm nos corpos, nos músculos, nas roupas, nas performances seus principais elementos ficcionais, configurando-se, assim, em um outro que ali é negociado em uma espécie de “marionetização” de devires.

Assim, o corpo do MEETIDO se apresenta como corpo-conformado, um corpo que incorpora, assimila, apropria signos que permitem uma apresentação, uma performance, em que o performer (o ator) vai a partir de uma trama que lhe é supostamente conhecida elaborar, esculpir, moldar, criar uma condição de atuação a partir de uma coerção que funciona tanto de maneira centrípeta como de maneira centrífuga. É um movimento que é via de mão dupla, centrando-se no “autocontrole”, em um “decoro social externo” que é performatizado para possibilitar uma atuação mais próxima das noções de discrição são construídas, projetadas e fixadas em um corpo que se traveste de signos de uma masculinidade dominante que é ressignificada para “parecer” real.

Ser homem implica um trabalho, um esforço que não parece ser exigido das mulheres. É mais raro ouvir “seja mulher” como uma chamada à ordem, enquanto a exortação feita ao menino, ao adolescente e mesmo ao adulto masculino é lugar-comum na maioria das sociedades. Sem ter plena consciência disso, agimos como se a feminilidade fosse natural, portanto inelutável, enquanto a masculinidade tem que ser conquistada, e a alto preço. O próprio homem e aqueles que o cercam têm tão pouca confiança na sua identidade sexual que lhe exigem provas de sua masculinidade. “Prove que é homem” é o desafio que o ser masculino enfrenta permanentemente (BADINTER, 1993, p.3-4).

Ser masculino, então, nesse contexto, é estar marcado por sinais de atividade, de dominação, de hierarquia, de poder... O discurso dos sujeitos que se apresenta como “natural”, no que diz respeito à questão do desejo de homens que justificam uma atração apenas por outros homens que apontem esses sinais distintivos de ser homem, longe de ser “natural” está mergulhado em um sistema cultural que vai construindo redes de significados sobre eles em direção a uma espécie de naturalização do discurso da libido. O desejo sexual passa a ser naturalizado no discurso e na prática, deslegitimando sua natureza histórica e social. Os

corpos se tornam grandes depositários de inscrições que fazem dizer que o masculino e o feminino precisam ser educados reiteradas vezes para se afirmarem enquanto tais.

Pensamos em todo o caso que o corpo tem apenas as leis de sua fisiologia, e que ele escapa à história. Novo erro; ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destruído por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria existências. [...] nada no homem – nem mesmo seu corpo – é bastante fixo para compreender outros homens e se reconhecer neles. (FOUCAULT, 1984, p.27)

Sendo assim, o ser homem e o ser mulher nos sinalizam a emergências a processos que desencadeiam em uma série de registros que são inscritos nos corpos dos sujeitos, rotulando-os, categorizando-os, limitando-os. O masculino passa a ser marcado por uma infinidade de sintagmas corporais que vão fazendo o homem “mais homem”, “mais masculino”. O mesmo processo acontece com a mulher.

Nesse sentido, Barba, Pelos, Falo, Vagina, Músculos, Gestualidades, Roupas, Acessórios, Pinturas vão imprimindo um modo particular de ser homem e de ser mulher na superfície do corpo, reiterando um masculino e um feminino que só existe quando perpassado por marcas simbólicas que reafirmam sua natureza de ser.

Sendo assim, é possível observarmos se realmente há um Corpo Gay MEETIDO que começa a ser agenciado desde a fila da boate. A intenção aqui não é provar sua existência, mas problematizar a tessitura de um corpo, que a partir de suas formas de composição, exibição e “atuação”, vai se erigindo na MEET.

CONCLUSÃO

Sem ter a mínima pretensão de fechar questões aqui, mas de tensionar, de provocar e, ao mesmo tempo, de contribuir minimamente no debate de algumas questões que me incomodam e que falam de existências múltiplas nas formas de ser gay na cidade de Fortaleza é que compartilho minhas reflexões, tornando-as conhecidas no intuito de que as mesmas sejam fonte geradora de novas questões, de novos embates, apontando sempre para

caminhos, para fluxos, para trânsitos, para linhas de fuga, para possibilidades, para devires em um eterno *continuum*...

Apropriar-me do espaço da boate Meet - Music & Lounge como um lugar de um estar junto gay específico ilumina o modo de pensarmos nossa cidade e como esses espaços de sociabilidade que se dizem autorizados para um determinado público reconfiguram a mesma, em um movimento contínuo de desterritorialização e reterritorialização.

A boate MEET emerge, portanto, como um empreendimento gay que gera lucro, atrai turistas e cria identificações com um público específico, procurando manter uma identidade que se pretende ser uníssona e coerente. Além de entender a boate como um espaço de negócio, minhas reflexões procuram contemplar a Meet sob o âmbito do simbólico e do político de um território em que se tornam possíveis agenciamentos de diferentes identidades.

Desde a fila, perpassando pelos banheiros, pelo *lounge*, pelo bar e por outros espaços da casa vai configurando, ou melhor, formatando uma identidade que se performatiza no corpo do MEETIDO. Corpo este que emerge na casa como espaço de lutas e investimentos. O corpo do MEETIDO é um corpo regulado, um corpo-autômato, um corpo-conformado. A construção do corpo do MEETIDO se articula com o capital aparência (apresentação) e com a performance (representação) e "ganha o mundo", se agiganta no interior da boate. Esse corpo se apresenta no território meetiano como um corpo submetido a constante vigilância, um corpo que só existe sob a mediação da regulação. Regula-se a si mesmo e ao outro a partir da dinâmica do olhar. O olhar vai mapeando os sujeitos, estabelecendo limites e possibilidades, apontando para comportamentos que são bem vistos e bem aceitos e outros que são ojerizados. Além do olhar, espaços e objetos se tornam objetivados para regularem os comportamentos e manterem essa dinâmica. Os espelhos se encontram, assim, nessa categoria de objetos presentes na casa e que dada a sua existência em vários espaços da boate vão atuando como elementos deflagradores de uma identidade que se apresenta como uma identidade de centro e outra que se corporifica sob os significantes da margem.

O encontro dos Gays MEETIDOS de Fortaleza apresenta um tom de fixidez, de estaticidade, de representação. As performances que ali são engendradas vão tolhendo os

movimentos dos corpos que se autorregulam para estrear uma identidade que “veste” os signos de um está discreto, de um está machudo, revelando a natureza de um encontro que se pretende só entre Homens Gays MEETIDOS. Sendo assim, tudo aquilo que culturalmente está associado a possibilidades de transgredir em relação ao modelo do macho, imposto por uma cultura heteronormativa é reproduzido, é simulado, é parodiado.

Para não concluir, que venham os devires para nos revelar que as existências não precisam ser nomeadas para serem existências, pois é só partir das diferenças que tornamos menos pesada a nossa existência, afinal de contas, todos nós nascemos nus de sentidos, de significados, só depois (a partir de nossa inserção na cultura, tornando-nos sujeitos de cultura) que a gente vira *drag* (no sentido rizomático do termo, entendendo a *drag* como uma cartografia de pluralidades).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARROS, Leticia Maria Renault de. *Um estudo sobre a noção de experiência no campo da cognição: a abordagem enativa*. 2010. 158 f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Psicologia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.
- FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- KEHL, Maria Rita. Com que corpo eu vou?. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo, 2002.
- LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História Oral como fonte: problemas e métodos. *Historiæ*, Rio Grande, v.2, n.1, p. 95-108, 2011.
- MOTA, M. D. B. Moda e Subjetividade: Corpo, roupa e aparência em tempos ligeiros. *Modapalavra e-periódico*, Santa Catarina, ano 1, n.2, p. 21-30, 2008.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*, São Paulo, v.15, p. 13-49, 1997.

SANCHES, Júlio César. SANT'ANA, Tiago. *Deixa ousada até a mais santinha!* Uma análise das propagandas do desodorante Axe. In: Encontro Baiano de Estudos em Cultura, *Anais*, Salvador, 2008.

SANDER, Jardel. Corpo-dispositivo: cultura, subjetividade e criação artística. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 13, n. 23, p. 129-142, 2011.

Artigo recebido em abril de 2014. Aprovado em maio de 2014.